

# Psicologia e relações de gênero

## GT 18

Maria Cristina Ferreira (coordenadora)  
Miriam Raja Gabaglia Preuss  
Maria Lucia Rocha Coutinho  
Terezinha Camargo Viana  
Maria Lucia M. Afonso  
Simone Ouvinha Peres  
Cecília de Mello e Souza  
Márcia Teresa Portela de Carvalho

Desde 1992, quando se reuniu pela primeira vez em Brasília, o GT Psicologia e Relações de Gênero vem discutindo contribuições da Psicologia e suas interfaces disciplinares ao estudo das relações sociais de gênero, em especial às questões relativas à condição feminina.

O objetivo principal do grupo tem sido a discussão de quadros conceituais diversificados que caracterizam hoje a(s) metodologia(s) e temáticas do chamado "women's studies".

Refletindo sobre esses quadros, fundados em diferentes perspectivas teóricas, o grupo está agora abrindo uma discussão sistematizada sobre Ética e Epistemologia dos Estudos de Gênero: questões contemporâneas.

Pretendemos dar ênfase às diferentes produções teóricas que tem embasado nosso trabalho no âmbito acadêmico, dando relevo aos aspectos que fundamentam metodologias e técnicas específicas ao estudo de mulheres na academia. A discussão pretende abranger não só um levantamento da introdução dos estudos de gênero sob a forma de disciplinas acadêmicas, como dados de produções universitárias que tocam as questões éticas e epistemológicas, na trajetória do "women's studies", dentro e fora do Brasil.

De um lado, temos a elaboração da chamada crítica feminista à produção da ciência, entendida como uma crítica aos paradigmas clássicos que opõem natureza e cultura, a primeira associada à mulher, a segunda ao homem. De outro, essa mesma discussão nos leva a introduzir questões muito atuais, como o "fim do patriarcado", a emergência das "famílias monoparentais" e "famílias de pares do mesmo sexo", os "novos padrões de sexualidade e da família", "a produção dos cyborgs /e ou híbridos", a "engenharia genética". Esses temas contemporâneos refletem-se como indagações éticas e epistemológicas que trazem uma ótica inovadora à reivindicação dos direitos das mulheres /pelas mulheres. Nem mais "natureza", nem mais "cultura", devem ser entendidos, aliás, os novos paradigmas para mulheres e homens. A própria questão dos direitos associada ao estado-nação, passa por uma transição, com o advento do "estado-rede", como se vê lançada nos exemplos da CEE e outros, como pretende ser o Mercosul, no futuro.

### Contribuições do grupo

As contribuições originais do grupo, cujos componentes se mantêm desde o início, acrescido de outros, incluem: Histórias de vida, relatos e depoimentos, a memória cultural de mulheres, as representações das mulheres na literatura, o discurso sobre as mulheres, a partir da análise textual de depoimentos ou linguagem não verbal, através de registros filmicos. Questões específicas de mulheres brasileiras tanto de classe média, quanto de grupos desfavorecidos tem sido abordadas em diferentes relatos de pesquisas. Grandes questionamentos estão também aí

delineados, como as questões de gênero face ao desenvolvimento, entendido em suas dimensões sociais, culturais e ecológicas, de forma mais ampla.

Essas preocupações refletem também as proposições das agendas de organismos internacionais, organizações da sociedade civil e uma crescente preocupação do mundo acadêmico com o denominado *empowerment* ou *empoderamento* das mulheres, associado hoje a propostas de formação de "*decisions-makers*" nas metodologias participativas e trabalhos voltados para comunidades.

O grupo pretende apresentar um levantamento piloto de suas próprias universidades, no tocante ao empoderamento de mulheres, como parte de um trabalho conjunto que se propôs a desenvolver, desde a reunião anterior de 1998.

Indicativos das produções conjuntas do Grupo estão nos Anais do IV, V Simpósios da ANPEPP, bem como foram objeto de uma publicação específica da ANPEPP, em julho de 1997, incluindo um outro GT, coordenado por Claudia Garcia, sob o título MULHER, CULTURA e SUBJETIVIDADE.

### **Superhomem em tempos de crise: o feminismo e o "novo" homem brasileiro**

**Maria Lúcia Rocha Coutinho**  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Neste encontro apresentaremos os primeiros resultados de uma pesquisa que estamos desenvolvendo sobre a identidade do homem brasileiro de classe média e sua relação com o trabalho e a família nesse contexto atual de mudança que, supostamente, estaria levando os homens, entre outras coisas, a uma maior participação no espaço doméstico e a uma relativização de seu papel de provedor.

Uma das questões centrais deste estudo reside no exame do modo como as definições dominantes de masculinidade se afirmam e se autenticam dentro de arenas sociais e culturais onde as ideologias, os discursos, as representações e práticas materiais ainda privilegiam sistematicamente os homens, a despeito das transformações sociais que se operaram, especialmente no que diz respeito ao papel e à posição das mulheres, nos últimos anos.

Nosso objetivo é melhor entender, através de uma análise de seus discursos, os investimentos sociais e psíquicos que os homens das camadas dominantes vêm fazendo e refazendo nesse contexto atual de mudança, com a finalidade de observarmos se é possível ou não se falar no surgimento de um "novo" homem.

### **Comportamento de risco no trânsito: como pensam e agem homens e mulheres**

**Miriam Raja Gabaglia Preuss**  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

O estudo de comportamentos e decisões que envolvam risco, com particular interesse pela relação entre natureza e cultura, revela-se especialmente instigante no momento atual quando estudos de psicofisiologia e genética retomam a importância de variáveis biológicas na organização dos sujeitos.

Diferentes áreas têm sido investigadas como especialmente propensas a envolver decisões cujas consequências poderiam ser bastante sérias, chegando a afetar a própria vida: esportes, sexualidade, trânsito, drogas etc. Nessas áreas, vários têm sido os fatores considerados em associação com a opção por situações mais ou menos arriscadas. Entre estes fatores estão a faixa etária, o sexo, traços de personalidade e temperamento, entre outros.

Estudos sobre o comportamento de risco apontam a necessidade de se fazer uma análise que leve em conta não apenas o nível de risco que se aceita correr mas, ainda, como as pessoas *avaliam* os riscos envolvidos em uma dada situação e os *motivos* que as levam a optar por um determinado nível de risco.

Levando em conta estes aspectos, o presente trabalho compara homens e mulheres – entre 20 e 30 anos – em relação ao modo como avaliam, se comportam e justificam seu comportamento em situações que envolvem risco de acidentes de trânsito.

## **Subjetivação e gênero: o saber e o viver renascentista**

**Terezinha de Camargo Viana**  
*Universidade de Brasília*

Neste trabalho circunscrevemos momentos do debate sobre modos de subjetivação, numa perspectiva de sua gênese histórica e filosófica. O Renascimento, esse decisivo movimento que conforma a modernidade e que tem profundas ressonâncias sobre a constituição da subjetividade contemporânea, é o cenário da discussão. Analisamos dimensões relativas ao estatuto teórico da categoria Sujeito e os desdobramentos que permitem pensar a estruturação das relações entre gêneros. *Sujeito*, na sua acepção originária, diz respeito ao assujeitado, (*subjectus*), acepção que guarda uma conotação política, pois refere-se ao indivíduo subjugado ao poder imperial romano e, na sociedade feudal, à autoridade da Igreja. Por uma espécie de desdobramento acentuado, no início da época moderna, o Sujeito se torna no seu contrário, não somente autônomo, mas soberano, enquanto Sujeito da representação, do conhecimento, da ética. A transmutação das relações que permite tal autonomia, resultado de um embate com a forma anterior de vida, perpassa todas as manifestações da sociabilidade, reiterando uma dimensão política no seu sentido amplo, aristotélico. A radicalidade com que pensadores renascentistas propugnam por uma forma de vida que tem o Sujeito como centro e mediador da representação e de toda atividade exige e explicita o confronto com a forma anterior de pensar o humano e instaura mesmo uma nova ética, uma nova epistemologia e uma nova ontologia. Analisamos dimensões dessas complexas manifestações que confluem no sentido descentrar os homens e as mulheres de uma teia restrita de relações, fundar modos novos de comunicação e subjetivação. Discutimos como a dupla conotação da categoria Sujeito se transforma, incorpora outros conteúdos e é mesmo colocada em xeque, sem que seu caráter antitético se dissolva completamente. Também problematizamos como, sob muitos aspectos, as formas estéticas e teórico-filosóficas que se constituíram na modernidade são expressões e ensaios de entendimento e solução dessa antítese.

## **Gênero, sexualidade e direitos: a construção da noção de pessoa nas camadas populares**

**Cecília de Mello e Souza**  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

O desenvolvimento do pensamento político e filosófico a partir do século XVII tem um impacto profundo na categoria da pessoa enquanto estrutura de sentimentos, atitudes e crenças, conforme nos aponta Marcel Mauss. A noção de direitos, que encontra uma elaboração complexa e extensa na última década do século XX, é um elemento central na concepção contemporânea ocidental da pessoa. Elaborada por lideranças de movimentos sociais do norte, formuladores de políticas públicas, e agências internacionais, a noção de direitos começa a ser apropriada também pelos grupos dominados, transformando sua visão de mundo, relações sociais e concepção de pessoa.

Este texto examina como a noção de direitos e *entitlement* (traduzido como “se sentir autorizado à”) é construída e expressa pelas camadas populares no campo das relações de gênero, da sexualidade e da reprodução. Baseado em trabalho de campo etnográfico com trabalhadoras domésticas e seus parceiros realizada no Rio de

Janeiro e em Duque de Caxias, o texto enfoca três questões orientadoras da pesquisa, que se integra aos projetos internacionais do IRRRAG (International Reproductive Rights Research Action Group) realizados também no México, Malásia, Nigéria, Filipinas e no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco): (a) qual é o contexto e quais são as experiências afetivas, sexuais e reprodutivas destes homens e mulheres? (b) quais são as condições sociais, econômicas, políticas, jurídicas e culturais que facilitam ou dificultam a concepção e o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos? (c) quais são as estratégias de resistência e formas de acomodação às normas vigentes? O objetivo é uma análise onde o ponto de vista das mulheres e dos homens são considerados primeiro de forma independente e em seguida de forma relacional, tendo em vista uma avaliação dos documentos produzidos pelas Conferências de Cairo (1994, População e Desenvolvimento) e Beijing (1995, Mulher) e da gradual implementação destas propostas a partir das perspectivas das camadas populares.

### **Os estereótipos de gênero como constructos dinâmicos**

**Maria Cristina Ferreira**  
*Universidade Gama Filho*

De acordo com a teoria dos papéis sociais (Eagly, 1987), o conteúdo dos estereótipos de gênero encontra-se intimamente associado aos papéis desempenhados por homens e mulheres na estrutura social, na medida em que tais papéis geram representações a respeito dos atributos e comportamentos típicos a cada sexo. Face as profundas alterações observadas nos papéis tradicionalmente ocupados pelas mulheres seria de se esperar, então, que os estereótipos femininos estivessem sofrendo modificações e absorvendo características que tradicionalmente eram assinaladas apenas ao sexo oposto. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou comparar as características estereotípicas assinaladas à mulher e ao homem no passado, presente e futuro. Foi observada uma tendência sistemática de mudanças na grande maioria das características atribuídas ao estereótipo da mulher, no sentido das características tradicionalmente masculinas estarem sendo incorporadas ao estereótipo feminino, e das características tradicionalmente femininas estarem diminuindo a sua importância na configuração desse estereótipo. Confirmou-se, assim, a teoria de Eagly (1987) de que os estereótipos refletem a divisão de papéis sociais assinalados ao homem e a mulher e, conseqüentemente, possuem um caráter dinâmico, alterando-se à medida que tais papéis se modificam.

### **Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil.**

**Simone Ouvinha Peres**  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro.*

A minha proposta de tese para o doutorado a ser apresentada durante a reunião da ANPEPP, está inserida em uma investigação interdisciplinar na área de saúde coletiva, reunindo sociologia, antropologia, demografia, e epidemiologia, denominada: *Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil*. Esse estudo combina técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa visando à compreensão do fenômeno da gravidez na adolescência e de suas conseqüências para trajetórias biográficas e sociais. Será realizado um survey (n=4500), com amostra domiciliar, em três capitais brasileiras – Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, antecedido por uma etapa qualitativa de pesquisa, fundada em entrevistas em profundidade. A escolha da população recai sobre um universo de jovens (igualmente repartido entre homens e mulheres) na faixa etária de 18 a 24 anos. É dentro do recorte acima referido que a minha proposta será desenvolvido cujo título preliminar é: *Sexualidade e Gravidez na Adolescência: uma análise sobre modos de subjetivação*.

## A polêmica sobre adolescência e sexualidade

Maria Lúcia Miranda Afonso

Universidade Federal de Minas Gerais

O artigo apresenta uma pesquisa com adolescentes de diferentes níveis sócio-econômicos, tendo sido analisadas e correlacionadas suas representações de gênero, experiência sexual e nível de informação sobre sexualidade e reprodução. O trabalho de campo constou de um survey e de entrevistas qualitativas, conduzidos no período de 1992-1994. Os jovens expressaram tanto representações tradicionais e hierárquicas quanto modernizantes e igualitárias, que podem ser reconhecidas como historicamente vinculadas aos discursos sobre vida sexual e reprodutiva, na sociedade brasileira. Representações igualitárias de gênero, mais presentes entre mulheres e jovens de nível sócio-econômico alto, estão positivamente associadas a maiores índices de informação. Também aqueles com mais escolaridade e menor defasagem escolar apresentam escores maiores de informação. As representações e identidades de gênero afetam a procura, recepção, decodificação e uso da informação sobre sexualidade. O artigo analisa como um "discurso bem informado", entre os adolescentes, faz parte de um discurso modernizador, o qual, em tese, deveria servir ao "planejamento racional" de sua vida sexual e reprodutiva – mas que isto nem sempre aconteceu. São analisadas as contradições desse discurso mas também se comenta sobre a sua importância para a luta dos sujeitos por autonomia, na sociedade contemporânea. A análise evitou se limitar a uma psicologia da adolescência que fosse historicamente descontextualizada. A partir de uma visão psicossociológica reflete que, ora sustentando uma visão individualista ora contribuindo para novos significados sobre a sexualidade, as gerações atuais, através de suas contradições, vêm sendo desafiadas a dar respostas a questões sobre vida reprodutiva e sobre relações, representações e identidades de gênero.

*Palavras-chave:* sexualidade, adolescência, relações de gênero, identidade, psicologia social.